



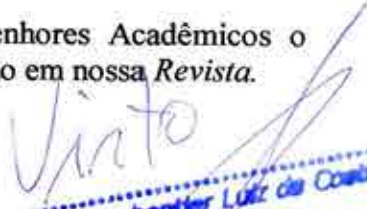
Academia Amazonense de Letras

Rua Ramos Ferreira, 1009 – CEP 69010-120

BOLETIM DE INFORMAÇÃO

JANEIRO DE 2002

- ANIVERSARIANTES DO MÊS – Aniversariam os Acadêmicos Newton Sabbá Guimarães (11.01), Mário Ypiranga Monteiro (23.01) e Áderson Dutra (27.01).
- ENSAIOS DE NEWTON – O Acadêmico Newton Sabbá Guimarães lançou em dezembro, no Paraná, o livro *Gloriosos e Esquecidos*, que enfeixa ensaios eruditos de literatura e política.
- BIBLIOTECA DA ACADEMIA - Concluídos os serviços de informatização, está aberta para consultas a biblioteca da Sala Genesino Braga, com livros principalmente de Literatura Brasileira e Amazonense (Poesia, Romance, Conto, Biografia, Ensaio), Direito, História, Geografia e Amazonologia. Horário de funcionamento: diariamente, das 16 às 18 horas.
- JORGE TUFIC E LIVRO RARO – O Acadêmico Jorge Tufic doou à biblioteca da AAL um exemplar (fac-símile) do livro “O Egipto”, de autoria do coronel *Bernardo de Azevedo da Silva Ramos* (Imprimerie Paul Dupont – 4, Rue du Bouloi, Paris, 1912). Trata-se da 10ª Conferência da Catedral de Manaus, que Dom Frederico Costa mandou imprimir.
- THIAGO E SAMUEL – O Acadêmico Thiago de Mello foi designado para saudar o Acadêmico eleito Samuel Benchimol.
- NOTÍCIA DO ACADÊMICO ROBÉRIO BRAGA - No dia 18.12, na sede da AAL, o Acadêmico Robério Braga lançou seus livros “Símbolos do Amazonas” e “Euclides da Cunha no Amazonas”, apresentados ao público pelo Acadêmico Tenório Telles, em noite de autógrafos que contou com a presença de expressivo número de Acadêmicos, autoridades e leitores do historiador.
- DIRETORIA DO BIÊNIO 2002-2003 – Eleita, por unanimidade, a Diretoria da AAL para o biênio 2002-2003, assim constituída: Presidente: Max Carpentier Luiz da Costa. Vice-Presidente: Jauary Guimarães de Souza Marinho. Secretário-Geral: José dos Santos Pereira Braga. Secretário-Adjunto: Gebes de Mello Medeiros. Tesoureiro: Armando Andrade de Menezes. Tesoureiro-Adjunto: Arlindo Augusto dos Santos Porto. Diretor do Patrimônio: Áderson Pereira Dutra.
- LIVRO DE DAISAKU IKEDA - O livro “Paz”, de Daisaku Ikeda, Membro Correspondente da AAL, foi distribuído aos Acadêmicos presentes à confraternização natalina, numa gentileza do autor.
- COLABORAÇÃO PARA A REVISTA – Renovamos aos senhores Acadêmicos o convite para que enviem à Secretaria da AAL matéria para publicação em nossa Revista.


Max Carpentier Luiz da Costa
PRESIDENTE

TEFÉ *

Djalma Batista

“Anísio Jobim, no 3º vol. de suas monografias dedicadas aos “Panoramas Amazônicas”, fez um estudo sobre Tefé, rico em informações do passado e do presente. Conta que a aldeia foi mudada para o lugar atual, em 1718 por frei André da Costa. E o nome espanhol de Ega foi mudado para Tefé.

Em 1905, chegou a Tefé o etnólogo e etnógrafo Pe. Constantino Tastevin, que percorreu a Amazônia toda, deixando importantes publicações, entre as quais uma “Gramática da Língua Tupi”. Ainda conheci e Pe. Constantino, nos misteres de sacerdote, só muito depois vindo a saber de sua obra; a última notícia que dele tive foi uma carta dirigida a Luiz da Câmara Cascudo, sobre Ermano Stradelli, nos anos 30, já da França.

Falei em Stradelli, cujo memória admiro muito e sobre cuja vida rumorosa ouço referências desde pequeno. Etnólogo, explorador, lingüista e cultor do direito, o italiano Ermano Stradelli teve a sua vida reconstituída por Câmara Cascudo, num livro precioso, editado pelo governo do Amazonas, em 1936 e em 1966 (30 anos entre as duas edições!). Viveu 43 anos lna Amazônia, 11 ou 12 dos quais como promotor de Tefé, onde passava os dias estudando, escrevendo e trabalhando, sendo tristemente golpeado pela sorte: ficou acometido do mal de Hansen, numa época em que não nem leprosário a que se recolher, vindo a terminar os dias em 1926 na improvisada Colônia do Umirisal (que se situava entre os barrios de S. Raimundo e Bombeamento), assistido pela bondade apostolar de Alfredo da Mata. O grande trabalho de Stradelli, que era um vocabulário da língua geral, só foi publicado após sua morte, na “Revista do Insatituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Na cidade de Tefé, nome que vem de “Tapi” ou “Tapé”, derivado dos índios Tapebas ou Tapibas, meu avô, que era rábula, passara dois anos, tentando ganhar a vida na advocacia. Não tendo conseguido nada decidiu-se a ser extrator de castanha, na hora aguda da crise econômica, passando 8 anos a lutar, com todas as forças, para sobreviver.

Por tudo isso, guarado por Tefé uma especial ternura, que me tem levado a pensar muito e tanto possível a estudar a sua história. Nunca pude fazer nada pela terra, porque nunca esteve ao meu alcance. Só duas vezes transitei por Tefé, e muito rapidamente: a 1ª, na vinda do Tarauacá para Manaus, e a 2ª pousando num “Catalina” nas águas de seu lago famoso, a cuja margem a cidade está edificada, ao empreender viagem para Iquitos.

Tefé foi em certa época o maior município da Província e depois do Estado do Amazonas, embora date dos tempos coloniais. Dele se separaram Benjamin Constantl, São Paulo de Olivença e Fonte Boa, Solimões acima, e Coari, abaixo, e os municípios do Juruá (Carauari e São Felipe, hoje Eirunepé).”

* Excerto do artigo publicado no nº 19 da *Revista da AAL* (fevereiro de 1983).